

CISNE NEGRO: ANÁLISE COMPORTAMENTAL DE UMA TRAGÉDIA¹

HELIO JOSÉ GUILHARDI¹²

INSTITUTO DE TERAPIA POR CONTINGÊNCIAS DE REFORÇAMENTO

Vou analisar o filme Cisne Negro partindo do pressuposto que Nina, a personagem principal, não é portadora de uma patologia psiquiátrica. Poderia ser, pois o filme não elimina tal possibilidade... Prefiro acompanhar a organização das cenas que apontam para a construção familiar, basicamente a relação com a mãe, como ponto de partida para o desenvolvimento do drama da personagem.

Organismo não intacto

Supor um quadro psiquiátrico leva a um raciocínio em que a influência do primeiro nível de seleção – o funcionamento neurofisiológico atual atípico do organismo – participa com ênfase maior do que ocorreria com um organismo intacto na configuração do quadro apresentado pela pessoa. O fato de um organismo não ser intacto, não elimina, no entanto, a influência do ambiente – social, em particular e, ainda mais especificamente, familiar – na modelagem e manutenção do fenótipo comportamental das expressões comportamentais (delírios, alucinações etc.), denominadas de surtos psicóticos. Em outras palavras, não há necessidade de supor uma disfunção neurofisiológica (primeiro nível de seleção) para ocorrerem comportamentos da classe denominada surto psiquiátrico. Basta o ambiente! Por outro lado, uma disfunção neurofisiológica (não necessariamente identificada através de métodos e procedimentos de avaliação do organismo), desde que presente, altera a relação do organismo com as contingências de reforçamento tipicamente disponíveis no ambiente social e físico da pessoa. Assim sendo, a pessoa dotada de um organismo não intacto se comportará de modo idiossincrático, mas a maneira particular como se comportará estará sendo determinada pela interação de tal organismo com o ambiente passado (história de contingências) e presente. Não é o organismo não intacto, em geral denominado de doente, que gera comportamentos bizarros. A diferença está no fato de a pessoa não interagir com as dadas contingências de reforçamento da maneira como as demais pessoas, consideradas organismos intactos deste ponto de vista, o fazem. É como se houvesse uma dificuldade perceptiva e as interações organismo-ambiente não ocorrem da maneira prevista conhecida pelo ambiente social. A evidência de que se trata de um organismo não intacto advém da clínica médica: a introdução de medicamentos reorganiza a interação entre a pessoa e o ambiente sócio-familiar, de tal maneira que os relacionamentos passam a ser considerados normais, de acordo com os critérios adotados pelo grupo social relevante de determinada pessoa, ou, pelo menos, os comportamentos perdem ou reduzem a função aversiva que vinham tendo. As interações

¹ Outubro de 2011; revisto em setembro de 2014.

² Ver também o texto “COMENTÁRIOS ADICIONAIS SOBRE AS AUTOMUTILAÇÕES DE NINA”, também disponível em www.terapiaporcontingencias.com.br

sociais, familiares, profissionais se restabelecem (fala-se que a pessoa ficou curada) ou se mantêm em um nível tolerado pelo grupo social (fala-se que a pessoa melhorou). É importante destacar, porém, que a alteração neurofisiológica (uma hipótese que vem sendo investigada com encorajador sucesso pela pesquisa médica em busca de identificação dos mecanismos fisiológicos que lhe são subjacentes e na apresentação de soluções médicas – remédios, cirurgias, procedimentos eletroconvulsivos etc., que possam restabelecer a função “normal” do organismo) não é causa dos comportamentos específicos apresentados por determinada pessoa. Esclareço melhor: a alteração neurofisiológica pode fazer com que a pessoa ouça vozes, veja imagem em situações onde as demais pessoas não as ouvem, nem a vêem (alucinações); a pessoa pode ter alterações de pensamento, acredita que se organiza uma trama para matá-la, por exemplo, e identifica as possíveis personagens da ação que vem se desenrolando, sem evidência fatural da existência da trama (delírio); no entanto, o conteúdo das alucinações (o que ouve, quem fala, o que vê etc.) e dos delírios (qual a trama, quem são as personagens etc.) são produtos da história de contingências e das contingências de reforçamento atuais, as quais interagem com um organismo não intacto. As alterações neurofisiológicas não causam os conteúdos de delírios e alucinações. Decorre destas considerações que o tratamento deve incluir a *ação conjunta* do médico e do analista do comportamento. Por outro lado, não se deve esperar importante contribuição dos procedimentos médicos para aqueles quadros nos quais o organismo é considerado intacto e os padrões comportamentais são produtos de interações com ambiente social, que os modelam e mantêm. Note que os argumentos expostos sugerem uma visão dicotômica: organismo não intacto versus organismo intacto. É importante esclarecer que os termos, intacto e não intacto, se restringem, neste texto, a aspectos disfuncionais ou estruturais do organismo, que se relacionam com padrões comportamentais bizarros, usualmente chamados de “surto psiquiátricos”. Excluem outras patologias e alterações do organismo, que não tenham a ver com tais padrões comportamentais. Não existe tal dicotomia e o conceito é proposto como um contínuo, cujos extremos (organismo completamente intacto e completamente não intacto) são conceitos, não entidades reais. O fundamental é que sempre se estuda a *interação* entre o organismo (intacto-não intacto ao longo de um contínuo) e o ambiente. Assim sendo, permanece, como alerta, a necessidade de atuar levando em consideração o papel conjunto do organismo e do ambiente.

Comportamento governado por regras e comportamento selecionado pelas consequências

A distinção entre as duas formas de controle do comportamento (a primeira pelo antecedente; a segunda pela consequência) não é absoluta. Assim, um comportamento evocado por uma regra pode ser mantido e modelado pelas consequências que produz. A interação entre as duas formas de controle é vantajosa para a pessoa: a regra evoca um comportamento que poderia demorar demais para ser instalado (e, eventualmente, nunca vir a ser emitido) se fosse selecionado, exclusivamente, pelas consequências que produz. Adicionalmente, a regra poderia evitar a emissão de comportamentos que, se emitidos, poderiam produzir consequências trágicas. Há vantagens, portanto, no uso de regras. O problema surge quando a regra controla de tal forma a emissão do comportamento, que a pessoa se torna insensível a determinadas consequências que o comportamento produz (insensível, é relevante destacar neste caso, significa: a pessoa fica sob controle das consequências liberadas por aquele que expõe a regra para ela –

em geral alguém relevante, tal como pai, mãe, professor, conselheiro espiritual etc. – e, como tal, o comportamento reforçado é o de seguir a regra, e a única classe de consequências que o mantém é aquela arbitrária liberada pelo formulador da regra. Outras consequências naturais, produzidas pelo comportamento, não exercem influência sobre ele. Fala-se que a pessoa se torna alienada em relação ao ambiente natural. Torna-se, por outro lado, submissa ao poder social). Existem, portanto, duas classes de comportamentos a serem consideradas: 1. seguir a regra, isto é, comportar-se sob controle dela como evento antecedente (S^D ou S pré-aversivo) e ficar sob controle das consequências sociais produzidas por seguir a regra ou das consequências previstas na regra (as quais não são necessariamente experienciadas pela pessoa, uma vez que a consequência prevista só acontecerá a longo prazo, ou – no caso de ser uma consequência aversiva – não é experienciada, quer ela exista ou não, porque o comportamento recomendado na regra é de esquiva); ou 2. comportar-se sob controle da regra como antecedente (S^D , S pré-aversivo) e experienciar a consequência produzida apenas e exclusivamente pelo comportamento emitido, consequência tal que selecionará o comportamento emitido e manterá ou alterará a função de S^D ou S pré-aversivo da regra ou, até mesmo, alterará a função da regra para S^A , o que a levará a perder a função de antecedente para o comportamento recomendado no enunciado da regra.

No caso da personagem central do filme, o repertório de dançar – o que incluía um abrangente grupo de classes de respostas – foi evocado por regras elaboradas pela mãe (portanto, os comportamentos de dançar estavam sendo governados por regras) e, simultaneamente, foram sendo selecionados pelas consequências naturais (como ela avaliava o próprio repertório de dançar: “Estou me saindo bem...”; “Preciso melhorar nisto...”; “Gostei de minha *performance*...”; “Sinto-me bem no papel que represento...” etc.) e pela reação do grupo profissional: colegas de dança, diretor da montagem, músicos, regente da orquestra, manifestação do público etc. Trata-se portanto, de um repertório comportamental controlado por regras, como evento antecedente, e pelas consequências sociais provindas da mãe (quem elaborou e expôs a filha às regras), assim como pelas crenças de Nina sobre seu próprio desempenho, construídas pelas regras (que, no caso em discussão, eram apropriadas, pois a mãe – uma bailarina frustrada – sabia quais comportamentos uma bailarina precisava emitir para ser bem sucedida... Mas, como se verá adiante, tais regras eram *parcialmente* apropriadas!). Além disso, era também um repertório controlado, modelado e mantido pela comunidade, que pode ser considerada o ambiente natural de uma bailarina, portanto, selecionado pelas consequências que os comportamentos de dançar, emitidos por Nina, produzia. Insisto que as regras formuladas pela mãe eram parcialmente apropriadas, pois se não o fossem Nina não teria aprovação do meio profissional, competitivo e exigente. Parcialmente, porque não a preparou para atender às expectativas de desempenho que o grupo social esperava (e exigia), mas que escaparam à previsão (e se opunham a valores) da mãe. A mãe preparou a filha para ser uma bailarina, mas o fez dentro da limitada amplitude e restrita variabilidade que sua pobre concepção do que é ser uma artista foi capaz de conceber. Para a mãe – usando uma metáfora proposta pelo filme –, ser artista incluía apenas representar o *Cisne Branco*; o Cisne Negro era desprezível. Acrescenta-se que a mãe sintetizou a vida da filha – como artista e como pessoa – num único arcabouço: Nina deveria ser Cisne Branco – e apenas ele – no palco e na vida. Aqui começa a tragédia.

Submissão ou contracontrole: eis a questão!

Liberdade não existe. Não existe como uma entidade própria da natureza humana, com a função de causar ações, comportamentos, sentimentos! Tal é a concepção mentalista da liberdade. A Análise do Comportamento oferece uma concepção absolutamente distinta. Liberdade é um sentimento produzido por contingências amenas de reforçamento positivo. Como tal, é produto de contingências, assim como comportar-se livremente também o é. Assim sendo, o repertório de comportamentos capaz de produzir *sentimentos* de liberdade, esse sim pode ser modelado e mantido. A função básica de um repertório que produz sentimentos de liberdade envolve comportamentos que, de forma sistemática e previsível, produzem reforços positivos amenos e evitam ou pospõem reforços negativos. Liberdade não é o único sentimento produzido por contingências de reforçamento positivo e negativo, pois podemos nomear os estados corporais associados com tais contingências com outros termos, tais como de prazer, satisfação, alívio, paz etc. O termo usado depende das práticas verbais da comunidade a que pertence a pessoa e a particularidades das contingências de reforçamento (diga-se, do contexto mais abrangente em que o fenômeno comportamental, que está sendo considerado, está inserido) em operação. De qualquer maneira, os termos usados para nomear as diferentes formas de sentir são arbitrários, e sentimento é, em essência, um conceito também mentalista, a ser – quem sabe – evitado pela comunidade dos analistas de comportamento no devido tempo!

Nina se desenvolveu num contexto familiar caracterizado por contingências coercitivas intensas. Em outras palavras, o repertório comportamental de Nina é composto por respostas de fuga-esquiva. Embora o mesmo comportamento possa produzir duas consequências: evitar um evento considerado aversivo (crítica, mau humor, interrupção de interações sociais amistosas etc.) e produzir um evento considerado agradável, acolhedor (sorriso, elogios, aprovação etc.), o que tende a prevalecer, *funcionalmente*, é o controle coercitivo. A importância do controle aversivo se afirma num contexto de vida como o apresentado no filme, no qual eventuais exemplos de acolhimento, além de raros, eram pouco (ou nada) espontâneos. Por outro lado, o controle aversivo vindo da mãe era claramente espontâneo. O repertório de fuga-esquiva de Nina, instalado pela mãe tende a se caracterizar por um estereotípi em busca da perfeição de gestos, de movimentos, de expressão facial etc.; enfim, tende a se tornar mais preciso, intraclasse de respostas (dançar de modo perfeito), e mais diferenciado interclasses (dançar de maneira imprópria). Em outras palavras, dançar de modo perfeito é uma classe de comportamentos de fuga-esquiva que produz sentimentos de alívio, pospõe críticas, ameaças de fracasso etc. Eventualmente, o desempenho desejado (ou exigido) produz consequências sociais, tais como “Muito bem!”, “Está se saindo bem!” etc. e autoavaliações (pensamentos, imagens, frases emitidas pela própria pessoa que se comporta), tais como “Você conseguiu, garota!”, “Vamos lá: continue assim...!” etc. Aparentemente, ambas as classes de consequências são reforçadoras positivas (de fato, o são quanto ao fenótipo), mas têm duas diferentes funções: a. são indícios de que o comportamento que está sendo emitido pertence (ou está próximo) à classe de comportamentos de fuga-esquiva esperados; b. sinalizam que o evento aversivo (crítica, repreensão, perda de *status* etc.) foi adiado. Nada têm, portanto, de reforçador positivo. Por outro lado, qualquer comportamento de dançar considerado impróprio produz consequências sociais com função aversiva, tais como, críticas, correções, ameaças etc. (Até mesmo o silêncio é aversivo, pois tem função de reprovação ou “ainda não está bom!” e, como tal, não é exemplo de procedimento de extinção.) Assim sendo, a classe de respostas de dançar de modo imperfeito sofre punição. As autoavaliações, tais como “Você precisa melhorar!”, “Ainda não está

bom!” etc. têm importante função coercitiva adicional àquelas de origem social. Assim sendo, constrói-se um repertório diferenciado. Acompanham tais classes de comportamentos de fuga-esquiva (dançar de modo perfeito) sentimentos de ansiedade, medo, preocupação, insegurança, baixa autoestima etc. Paralelamente às contingências coercitivas que visam a instalar os movimentos perfeitos, existem as contingências, também coercitivas, que instalam outros padrões comportamentais de fuga-esquiva, o mais evidente dos quais manter o corpo escultural, abaixo do peso considerado normal... Tal produto (corpo de formas delicadas e abaixo do peso) resulta de comportamentos complexos: exercícios intensos e constantes, comer de forma seletiva etc. Há ainda um outro ponto de relevância para o que se vem a esperar de Nina: as contingências de reforçamento manejadas pela mãe não permitiam a aquisição de outros repertórios – os quais, independente de Nina ser bailarina ou não, são necessários e próprios para o desenvolvimento harmonioso de uma pessoa –, que complementariam o desenvolvimento comportamental e afetivo de Nina como ser humano. Ou seja, Nina tinha déficits de comportamentos que dificultavam a convivência dela e de qualquer pessoa como ela. Refiro-me a comportamentos de se divertir, ter amigos, amigas, pertencer a um grupo cultural, religioso, de lazer, ser capaz de receber e dar afeto etc. Tais classes de comportamentos, que são apropriadas para produzir uma ampla variedade de reforçadores, que propiciam oportunidades para a pessoa descobrir e se tornar sensível a novos reforçadores potenciais (os quais, de outra maneira, não atingem o *status* de função reforçadora positiva) e que ensinam a pessoa a se esquivar e fugir de eventos presentes nas interações cotidianas, são *essenciais* para uma adequada inserção no mundo social, profissional, afetivo etc. A mãe de Nina, inversamente, avaliava que tais repertórios afastariam e impediriam a filha de atingir os objetivos essenciais da vida. Cabe a pergunta: essenciais para quem? Para a mãe? Para Nina? Eu responderia: essenciais para a mãe, mas que se tornaram também fundamentais para Nina. O comportamento de Nina estava sob exclusivo controle de uma regra enunciada pela mãe, algo que poderia ser assim resumido: “A vida vale a pena se você conseguir a sua meta: ser a maior bailarina da Companhia... Tudo o mais é desprezível e prejudicial!” Tal regra tornou-se o objetivo de vida de Nina, mas, provavelmente, Nina não estava consciente de que os objetivos que tinha para a própria vida foram traçados e determinados pela mãe. Sendo assim, se ela fosse questionada: - Nina, quais são seus objetivos de vida?, responderia exatamente o que a mãe diria. Um controle de comportamento, seja por contingências de reforçamento positivo, seja por contingências coercitivas, quando é exercido através de consequências intensas e, ainda mais grave, quando elas prevalecem de maneira onipresente, ou seja, não ocorrem paralelamente contingências alternativas (há necessidade de pelo menos dois controles de estímulos para haver discriminação) – lembre-se que Nina vivia isolada, mesmo quando cercada de pessoas – resulta em alienação: a pessoa responde às contingências de reforçamento em operação, mas não sabe a que responde, não sabe que existem outras contingências de reforçamento possíveis, não conhece outros reforçadores, não se propõe a se esquivar do controle aversivo (possivelmente, nem discrimina que é aversivo...). Assim sendo, a pessoa inconsciente dos controles ambientais que a subjagam (inconsciente, no sentido de que desconhece tais controles) não tem a menor possibilidade de exercer o contracontrole, simplesmente, porque não há, para ela, do que se libertar... A mais terrível prisão é aquela que, travestida de ninho, aniquila qualquer desejo de liberdade! A pessoa age, mas não sabe em função de que age. Torna-se um autômato humano, que diz (ou melhor, repete) inclusive aquilo que o controlador deseja que seja dito. A possibilidade de Nina exercer contracontrole em relação à mãe foi reduzida à nulidade pela maneira como a família se constituiu. A única influência significativa na vida de

Nina era a mãe. Como tal, não havia nenhuma outra influência (pai, avós, vizinha, colegas de escola, pais dos colegas, parceiros de algum grupo organizado: clube, religião, lazer etc.) que pudesse expor Nina a outras contingências de reforçamento que permitissem a ela discriminar os controles de comportamento aos quais respondia. Adicione-se que a ausência de repertório torna a pessoa dependente do opressor, pois é dele que provêm os controles (tantos os eventos antecedentes como os consequentes) aos quais a pessoa sabe responder. Assim, por exemplo, uma pessoa que não tem repertório social pelo menos razoável, tenderá a dizer (e, ainda mais grave: a acreditar no que diz e a sentir conforme o que diz) que não gosta de encontros sociais, que detesta festa, que não se sente bem com pessoas por perto, que acha as pessoas hipócritas, que eventos sociais são perda de tempo etc. e, como tal, tenderá a se recolher na solidão. Em nenhum momento ocorrerá às pessoas contidas num sarcófago familiar, que a falta de desejo (não quero ir...) e a ausência de afeto (não gosto de...) são produtos de déficit de repertório para se comportar em dados contextos, falta de habilidades para produzir reforçadores naturais e evitar eventos aversivos. O desejo e o prazer são produtos de repertórios comportamentais apropriados; não expressões, nem manifestações legítimas de um eu interior. Adicionalmente, há necessidade de levar em conta os sentimentos de culpa gerados pela emissão dos comportamentos considerados inapropriados. Não há apenas déficit de repertório; há também uma avaliação (inicialmente imposta pelo agente social controlador; posteriormente incorporada pela pessoa controlada) negativa do comportamento: trata-se de uma resposta indesejada, passível de ser punida se for emitida. Como resultado, se ocorrer a ocasião de a resposta vir a ser emitida (por exemplo, a escola programa uma festa, ou uma colega faz um convite para a festa de aniversário com balada...) a reação mais possível é não comparecer, como fuga-esquiva das consequências aversivas produzidas no ambiente do evento, por repertório comportamental inapropriado na situação social (conforme discutido acima) e das consequências aversivas liberadas pelo agente controlador (pela mãe, no caso da Nina), acompanhadas de intensos sentimentos de culpa.

Pode-se concluir, então, que Nina era completamente submissa à mãe, mas não tinha consciência de tal prisão. Talvez, dissesse – se fosse questionada sobre a qualidade da vida que levava – alguma frase assim: “A vida é difícil! Estou acostumada a viver assim! Tenho objetivos na minha vida: tornar-me a melhor dançarina da Companhia. Talvez, dançar o Lago dos Cisnes... Me sentiria realizada se chegasse lá.” – Algum outro plano para sua vida? Por exemplo, filhos, família?... “Por ora, não penso nisso. Há tempo para tudo... talvez no futuro... Vivo intensamente minha vida profissional. Tenho mamãe ao meu lado!...” Vocês, provavelmente, já ouviram frases como essa na TV...

“Ela era fraca, a ponto de se entregar aos desejos da mãe?”, alguém pode questionar. “Força” para se libertar; “fraca” por não se libertar, são metáforas. Tais metáforas se referem a conceitos mentalistas tais como “força interior”: quem tem força interior se liberta do jugo do opressor, da mesma maneira que aquele que tem força física pode se libertar de uma corrente que o detém. A metáfora não cria uma realidade. Não existe tal força interior (assim, como não existe “fraqueza” interior). Nina não se libertou porque não existiram contingências de reforçamento que a tornassem consciente de que era vítima de contingências coercitivas, nem a fizessem ciente de que outras contingências de reforçamento produziriam comportamentos diferentes (inclusive desejos, objetivos e sentimentos diversos e alternativos e, quem sabe, mais favoráveis a ela) e nem mesmo de que ela poderia mudar as contingências que governavam sua vida, de que poderia mudar sua relação com a mãe, exercer um contracontrole: alterar as contingências de reforçamento manipuladas pela mãe e, como consequência, mudar os comportamentos de controle numa direção mais favorável para ela própria etc.

Conforme foi expresso na primeira linha desta seção: libertar-se é comportar-se de maneira específica. E, para que tal ocorra, há necessidade de contingências de reforçamento apropriadas. A maneira como Nina foi criada equivale a uma prisão física manipulada por uma mãe forte e poderosa, que modelou em Nina submissão e aceitação. Nina, assim, não tinha condições de exercer contracontrole. Não no contexto familiar.

A grande chance; o desfecho da tragédia

Nina foi escolhida para fazer o papel do Cisne Negro. O repertório para interpretar o Cisne Branco tinha sido cuidadosamente instalado pela mãe. É claro que a mãe não a preparou para dançar essa personagem; a mãe a preparou para ser do “bem”: submissa, disciplinada, responsável, comprometida com o “certo”, mantenedora dos valores (reforçadores) dos agentes de controle social. A mãe a preparou para ser Cinderela, Bela Adormecida etc. Agora se esperava que ela interpretasse o mal. Esperava-se dela um repertório absolutamente distinto daquele que desenvolveu. (Não entendam que ela – para bem interpretar o Cisne Negro – deveria ser má, ter um repertório comportamental “do mal”). Faltava-lhe uma importante e abrangente porção de repertório de comportamentos que incluíam: rebeldia, oposição, gosto pelo prazer, certo grau de irresponsabilidade (aprender a correr riscos), enfrentar a autoridade, questionar e opor-se a valores vigentes oriundos do poder social, manifestar variabilidade comportamental, improvisação etc. (embora eu esteja usando termos do cotidiano, cada um deles pode ser transformado em classes comportamentais bem definidas. Considero desnecessário fazer tal transcrição no presente texto).

O grande drama de Nina, a partir do momento em que foi escolhida, pode ser sistematizado nos itens que se seguem:

1. A fonte de controle de seus comportamentos tinha sido, até então, a mãe. Esta, por sua vez, não estava preparada para instalar repertórios comportamentais que lhe eram estranhos e indesejáveis. Mesmo que a mãe se propusesse a auxiliar a filha a adquirir repertório comportamental para interpretar o Cisne Negro, não teria repertório para tal tarefa. Para a mãe seria incompreensível e inaceitável o necessário vínculo entre ampliar o repertório de Nina como pessoa, a fim de ela conseguir viver no palco o papel do Cisne Negro; não basta ensaiar o papel do personagem do *ballet* (pelo menos, pelos critérios do diretor da companhia). O Cisne Negro, modelado pela mãe, seria na melhor das hipóteses um Cisne Branco doente... uma caricatura do Bem, não a personificação do Mal;
2. O grupo profissional – identificado pelo diretor da Companhia – se recusava a dar regras de como se comportar. Apenas punia os comportamentos inapropriados (“Você não tem talento”; “Não incorporou o personagem Negro” etc.), mas não modelava os comportamentos desejados. Tal postura é compreensível, pois o que se esperava era que Nina apresentasse variabilidade comportamental (o que era um de seus pontos fracos) e o fizesse tantas vezes e de tantas maneiras até que uma expressão da variabilidade fosse *a* encenação, fosse *a* incorporação do Negro. Em termos comportamentais: cabia a Nina apresentar múltiplas variabilidades comportamentais até que uma delas fosse reforçadora para Thomas. Note que ele não *cria* o comportamento de dançar o Cisne Negro; ele o reconhece quando o comportamento se apresenta e *o seleciona*. Eis o processo de criatividade: diz-se que uma pessoa é criativa quando ela emite inúmeras variabilidades comportamentais e uma delas é reforçadora para membros da comunidade, ou para agentes formadores

de opinião (um crítico de arte, o diretor de uma peça, o curador de uma exposição, um mecenas etc.) ou para o próprio artista. O valor reforçador da obra de arte, do desempenho artístico, da produção científica, da redação de um texto, da organização de um evento etc. é identificado quando há expressões, tais como: “Isso é bom”; “Isso é belo”; “Isso é inovador”; “Isso é imperdível”; “Isso é diferente”; “Isso é revolucionário” etc. O crítico especializado aprova e recomenda, o mecenas compra, o público comparece e aplaude etc. (desde que não haja interesses espúrios na avaliação...). O comportamento criativo, pode-se dizer, é selecionado; não necessariamente modelado. No caso do filme, não havia preocupação em modelá-lo. Seguindo uma tradição mentalista, o filme sugere que a criatividade vem de um talento interior. Numa linguagem comportamental, o comportamento considerado não criativo é sistematicamente colocado em extinção, até que uma variante seja reforçada. O papel da comunidade é manter a pessoa emitindo variantes até selecionar a que considera criativa. Nem sempre, na história das artes, a criatividade é selecionada pelo meio social. Às vezes, o artista seleciona a obra prima. Assim, as variações comportamentais ocorrem e os produtos artísticos (a tela, a escultura etc.) podem ou não lhe ser reforçadoras. Eventualmente, uma variação lhe é reforçadora e ele considera a obra pronta, independente de avaliações externas. Muitos gênios da arte só foram reconhecidos após a morte, no entanto produziram suas obras. Eles as selecionaram como reforçadoras (para eles). Foram produtos artísticos com função de reforço natural – para o artista (que, por sua vez, desdenhou consequências arbitrárias – quer elogios, quer críticas).

3. O grupo profissional – em particular, Thomas e a companheira de dança, Lily –, deu a Nina dicas claras de que tinha que *vivenciar* o lado negro da Vida, a fim de se desenvolver como pessoa e atingir as exigências do papel do Cisne Negro. Em linguagem comportamental: o repertório esperado no palco pela personagem do Cisne Negro só poderia ser instalado a partir de contato com contingências de reforçamento selecionadoras naturais; jamais sob controle de regras. Afinal, se apresentou para a Nina a oposição: por um lado, comportamento governado por regras a afastaria do papel; por outro, o comportamento selecionado pelas consequências seria o único caminho, se algum caminho poderia ser encontrado e percorrido no escasso intervalo de tempo que lhe restava.
4. A alternativa que se lhe acenou ia em oposição aos critérios, valores, crenças... da mãe. Pela primeira vez ela teria que enfrentar aquela que até então a governara. Um tremendo desafio. Afinal, a criatura (Nina) tinha que se tornar maior que a criadora (a mãe). Nina e a mãe tinham o mesmo objetivo: o sucesso máximo no palco. Tinham, no entanto, que confrontar conceitos: Nina precisava se tornar *Negro* (contingências de reforçamento oriundas da Companhia) e não apenas encenar o *Negro*; para a mãe o desempenho de bailarina bastava. A mãe acreditava que quanto mais *Branco* sua filha fosse: disciplinada, perfeita nos movimentos etc., melhor Cisne Negro seria. Nina tinha que escolher: a Companhia ou a mãe. Nina tinha que escolher: encenar ou ser. A mãe não tinha consciência da única alternativa que restava para a filha e continuou até o fim a se opor a ela com toda sua energia e poder. Pobre Nina! Cobia-lhe agradar a mãe (sendo a bailarina maior) e ao mesmo tempo desagradá-la incorporando o Cisne Negro... no palco e na vida!

O desfecho

A exposição de Nina às contingências naturais foi brutal, por ter sido abrupta (melhor teria sido uma exposição gradual – *fading in* –, mas não se está lidando com

uma comunidade de analistas de comportamento). O tempo urge! A competição anestesia sentimentos! No palco e nos bastidores, a destruição de uma é a glória da oponente! É tudo ou nada! Já!

Nina se entrega à exposição. Também é um processo inconsciente. Ela se comporta, mais uma vez, por fuga-esquiva. Agora não foge, nem se esquiva da mãe, mas sim do fracasso. Sua vida vale a conquista do papel no palco. Tudo o mais é nada! Só o sucesso importa. Se seu trajeto para a glória fosse consciente, o processo teria limites, teria ritmo, teria amor. Mas, não... A busca do *único* sentido da vida de Nina tornava tudo o mais irrelevante; não importava a ela vir a gozar a glória, viver o pós triunfo, se preservar, ter memória da vitória, sentir prazer... Nada disto lhe era familiar, portanto, para ela era inexistente, irrelevante, desprezível. Depois da glória, a morte... pois, nada mais restava para ser usufruído! Todo o sentido de viver se esvairia num único episódio: total e suficiente! Bastava a glória no palco.

A história original dá algumas pistas para o desfecho do filme. O triunfo do Cisne Negro sela o destino do Cisne Branco. Nina, ao triunfar na ribalta, venceu o Cisne Branco. Derrotou a si mesma! Na existência dela todos os caminhos a dirigiram para sentir-se – para ser, enfim – Cisne Branco. No início da preparação de Nina para a escolha do diretor, era inconcebível para ela *ser* Cisne Negro como essência. Era-lhe possível *representar* o Cisne Negro. Tal compromisso, não bastava, porém. É a grande diferença entre comportamento governado por regras e comportamento modelado pelas consequências. No entanto, ela foi preparada para superar desafios e atingir metas. Como tal, mesmo aquilo que seria inconcebível, lhe era possível. O diretor não queria que *representasse* o Cisne Negro, mas que *fosse* o Cisne Negro. E tal dualidade tinha que ser incorporada pela mesma e única pessoa. Ele conseguiu e, assim, a condenou. Ela conseguiu e, assim, se condenou. Nina precisava criar uma compatibilidade entre o Branco e o Negro: optou por uma solução de compromisso; criou um novo desfecho. Nele ninguém triunfa. Ambos morrem: a arte a fez Cisne Negro, a vida a manteve Cisne Branco. A arte matou a vida. Venceu a história de contingências a que Nina foi exposta. O ser humano foi derrotado.

Nina se permitiu expor-se às contingências de reforçamento naturais que produzem o Negro do ser humano. Não por opção, mas por coerção. Como tal, sem equilíbrio, sem doçura, sem harmonia, sem paz... (todas estas propriedades do comportamento só são alcançadas por reforçamento positivo ameno; jamais por controle coercitivo). O que se viu no palco e nos bastidores foi uma generalização admirável do Cisne Negro, isto é, de um repertório comportamental complexo, desenvolvido em condições absolutamente adversas, sob influência de contingências de reforçamento coercitivas intensas!... Admirável, mas não perfeita: bizarra e extrema. Nina assumiu o papel do Cisne Negro no palco só depois que conseguiu assumi-lo dentro da própria vida... aí a generalização a destruiu. No palco o Cisne Negro destrói o Cisne Branco; a Nina bailarina foi Negra para a Nina pessoa. O Cisne Negro matou o Cisne Branco, matou a vida. Que vida!

Nada psicótico. Não há necessidade de supor um organismo não intacto subjacente aos padrões comportamentais apresentados. Basta uma análise comportamental conceitual daquilo que o filme mostrou.

Comentários adicionais

Contingências coercitivas extremas produzem comportamentos bizarros, que se acoplam com o comportamento de fuga-esquiva funcionalmente relevante. Por

exemplo, um estudante sob forte pressão para obter boas notas (condição coercitiva) estuda muito (comportamento de fuga-esquiva apropriado para evitar uma nota sofrível). No entanto, estuda mais do que o necessário, se preocupa o tempo todo com a prova, com a nota baixa que teme tirar, com a possibilidade de esquecer o que estudou, sonha ou tem pesadelos, nos quais perde a hora da prova, o professor o acusa injustamente de estar colando etc. São pensamentos, pesadelos e sonhos, bem como sentimentos intensos de sofrimento que se acoplam com o comportamento relevante de estudar. O fato de serem todos comportamentos e sentimentos encobertos, não os torna menos reais que os comportamentos e sentimentos públicos. São todos manifestações do organismo que está se comportando. As cenas de automutilação, de ferimentos, de agressões imaginadas e reais contra a mãe etc. têm a função acima mencionada. Tais cenas chocantes mostradas no filme (seriam pensamentos, imagens e... até mesmo ações), algumas delas prontamente seguidas por outras, nas quais os danos estavam completamente recuperados (o que certifica que não produziam consequências públicas) expõem a presença de classes de comportamentos acoplados emitidos quando a pessoa está sob intenso controle coercitivo. O fato de as cenas parecerem tão reais revela uma propriedade do comportamento humano, bem documentada no filme. A autoagressão, a autoestimulação excessiva, os pensamentos aversivos obsessivos, rituais compulsivos etc. são maneiras que o indivíduo encontra para criar estimulações corporais (em geral, aversivas e dolorosas), as quais geram controles de estímulos que competem com o controle de estímulo proveniente de contingências aversivas. É um recurso comportamental para amenizar, temporariamente, eventos aversivos incontrolláveis pela pessoa. Uma das cenas mais didáticas para mostrar a relação coercitiva entre Nina e a mãe é aquela em que se pretende comemorar com um bolo a escolha triunfante de Nina. Ela se apressa a dar a notícia por telefone para a mãe: “Fui a escolhida!...” Trata-se de comportamento de fuga-esquiva (“E, se não avisar a mamãe em primeiro lugar?...”), mascarado de reforçamento positivo (a mãe ficou tão feliz... e a valorizou tanto!). No momento em que Nina recusou o pedaço do bolo, a mãe ameaçou jogar tudo no lixo. Contrariada, prevaleceu a manifestação do poder coercitivo. Nina recuou; comportamento de fuga. A mãe sorriu e recuou! O sorriso não foi reforço positivo; foi um sinal de que as consequências aversivas estavam suspensas. A fuga de Nina – submeteu-se ao desejo da mãe – foi bem sucedida, houve alívio. Nina foi reforçada negativamente por se submeter. Porém, quais teriam sido os comportamentos encobertos e sentimentos ocultos emitidos por ela que se seguiram? Pode-se imaginar: coçar as costas intensamente até se ferir, sentir raiva da mãe, imaginar planos para agredi-la, praticar compulsivamente passos de dança etc.

Contingências de reforçamento intensas distorcem a percepção. Neste conceito, introduzo como parte funcional da contingência, as operações estabelecedoras (ou motivacionais). Assim, uma privação extrema de água, por exemplo, torna a água extremamente reforçadora e, diante da condição antecedente de ter acesso a ela, qualquer comportamento pode ser emitido (uma pessoa tranquila pode emitir comportamentos agressivos; alguém que respeita o próximo pode se comportar de maneira antiética; um companheiro leal pode trair o amigo íntimo etc.), desde que produza água. E a água, mesmo barrenta e contaminada, poderá ser avaliada como um néctar... Acredito que a relação de Nina com as pessoas e com os eventos de sua vida profissional (e o mesmo teria sido observado em todos os outros aspectos da vida dela, se o filme os apresentasse...) estava distorcida, em função da intensidade das contingências coercitivas e explicam as aberrações comportamentais mostradas. Os pensamentos (que são comportamentos), as imagens (que são comportamentos perceptivos da classe de ver na ausência do objeto visto), as fantasias (que são

comportamentos perceptivos de múltiplas classes de respostas, tais como ver, ouvir, sentir, degustar, cheirar, ao lado de lembrar, editar etc.) fizeram parte, durante o filme, de várias cenas, em particular muito dramáticas, vivenciadas por Nina. Tais classes comportamentais têm funções aversivas (às vezes) e reforçadoras (outras vezes) e, como tal, eram emitidas como comportamentos que fazem parte do repertório global de respostas de Nina. Cenas em que Nina agride a mãe, por exemplo, revelam a função aversiva adquirida pela mãe e pelos comportamentos por ela emitidos em interações com a filha. Os comportamentos agressivos de Nina eram encobertos no início (evidência de que prevalecia o controle aversivo) e aos poucos foram se tornando públicos, pois as pressões externas a obrigavam a se comportar em oposição aos controles da mãe (a menina dócil, sob novas contingências coercitivas intensas, se revelou, então, espantosamente agressiva...).

As fantasias, imagens, pensamentos etc., todos comportamentos encobertos, revelam a dificuldade que a pessoa encontra para se comportar abertamente num ambiente punitivo. Uma vez que tais classes de comportamentos encobertos não entram em contato com consequências do ambiente, não são modelados e nem selecionados de acordo com os critérios do grupo social (por exemplo, se uma criança grita um palavrão, ela pode ser punida por um adulto que está próximo; se ela pensar num palavrão, o ambiente social não tem como consequenciá-la. Pensar num palavrão sob controle de uma condição aversiva – diante de alguém que pune a pessoa – é reforçador e como tal aumenta a probabilidade da emissão de outras respostas da classe de agressões encobertas, tais como imaginar que deu um soco no outro, que o derrubou ferido, que lhe deu chutes etc.). Começam, então, a germinar comportamentos bizarros, entre os quais se incluem delírios e alucinações. No caso de imagens, fantasias, pensamentos encobertos, a pessoa que se comporta – usando terminologia da área do comportamento verbal – é falante e ouvinte. O processo, no entanto, pode ficar mais claro se o compararmos com aquilo que ocorre no comportamento de fofocar (em particular falar mal de alguém). Neste caso, na impossibilidade de exercer um contracontrole público e direto na interrelação com o opressor, tal como dizer-lhe o que realmente pensa sobre ele, quais são os sentimentos negativos que nutre contra ele, fazer algumas coisas com o objetivo de alterar as interações, de tal maneira a modificar as funções dos comportamentos de um em relação ao outro etc., o oprimido emite comportamentos verbais públicos para um ouvinte acolhedor, não punitivo (na ausência do opressor), tateando para aquele ouvinte comportamentos que está predisposto a emitir (os quais, no entanto, por fuga-esquiva se omite em expressar publicamente para o opressor), assim como sentimentos que nutre em relação ao opressor etc. Retomando: as fantasias, imagens, pensamentos etc. têm função equivalente, porém numa condição em que falante e ouvinte são a mesma pessoa (no caso em estudo, a própria Nina). Emitir comportamentos encobertos de contracontrole não produz mudanças no ambiente, pois o controlador não entra em contato com o contracontrole. É, portanto, inútil para produzir mudanças nas interações interpessoais. A pessoa que assim se comporta, por outro lado, vive vidas paralelas. Há a vida pública de interação social e a vida pessoal composta por comportamentos encobertos, oculta para as demais pessoas, ou por comportamentos públicos dissimulados, que agradam ao ouvinte, embora não sejam genuínos. Tal vida oculta pode acentuar a alienação da pessoa, pois ela se comporta como deveria (ou acha que deveria) fazê-lo e vivencia sentimentos análogos àqueles produzidos pelas contingências de reforçamento interativas, mas não o faz publicamente. Como tal, não há efeito sobre o ambiente social e os comportamentos não são apropriadamente selecionados, nem adequadamente mantidos! Assim, por exemplo, ao agredir a mãe de modo encoberto, Nina sente emoções análogas àquelas que sentiria

se a tivesse agredido, com a diferença de não se expor às reações que a mãe provavelmente teria se tivesse sido afrontada (quase certamente, a mãe reagiria de forma aversiva com a filha). Evita, sim, consequências aversivas, mas, por outro lado, não altera o ambiente (a relação com a mãe). Ou seja, a contingência coercitiva se mantém, enquanto tal mecanismo encoberto diminui temporariamente a probabilidade de um confronto real. Aí o ciclo se reinicia. No caso de Nina, fica explicitado o processo de isolamento progressivo em relação ao ambiente social, enquanto cresce o mundo interior (comportamentos e sentimentos encobertos se ampliam e se fortalecem...). Tal mecanismo não se repete de modo circular, enquanto as contingências coercitivas se mantêm no dia a dia social, mas se expande, qual uma espiral crescente composta por pensamentos e fantasias mais elaborados, mais agressivos, mais... Como produto final, uma pessoa que se isola num mundo de comportamentos encobertos, priva-se das consequências oriundas do meio social em que vive e desenvolve padrões comportamentais atípicos, que são encobertos no início, mas que ganham dimensão e força (tornam-se excessivamente aversivos ou exageradamente reforçadores) de tamanha intensidade, que não podem mais ser contidos e se expressam publicamente. A partir desse momento, o grupo social a define como doente (mental)!

ⁱ Este texto pode ser complementado por duas aulas do autor, baseadas no filme Cisne Negro, gravadas em DVD e disponíveis para venda (a partir de 20/10/2011) através do link: <http://www.terapiaporcontingencias.com.br/produtos.html>